

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA PARA O ENSINO

READING THE IMPORTANCE OF LITERATURE FOR EDUCATION

Damiana Maria Carvalho¹

RESUMO: A experiência com o texto literário pode não apenas tocar emocionalmente o leitor, como também favorecer um pensamento crítico acerca de questões éticas, políticas, sociais e ideológicas, além de levar a uma análise das estratégias linguísticas de construção desse texto. As práticas de leituras devem ser experimentadas desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, visando a formação de um leitor autônomo. Para tanto, tomamos como ponto de partida os PCN, as LDB, os OCEM e o livro *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, de Ana Maria Machado, entre outros, que tratam da relevância da leitura literária para formação de um cidadão como um todo. A leitura é uma forma ativa de lazer e conhecimentos. Seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno, formas ativas de lazer: aquelas que tornam o estudante um indivíduo crítico, criativo, sonhador, mais consciente e produtivo.

Palavras-chave: *clássicos; leitura; literatura; ensino e língua portuguesa*

ABSTRACT: The experience with the literary text can not just emotionally touch the reader, as well as encourage critical thinking about ethical, political, social and ideological issues, and lead to an analysis of the linguistic strategies of construction of this text. readings practices should be experienced from elementary school through high school, aiming at the formation of an autonomous player. Therefore, we take as a starting point the NCP, the LDB, the OCEM and the book *How and why to read the classic literature from an early age*, Ana Maria Machado, among others, to address the relevance of literary reading for formation of a citizen as a whole. Reading is an active form of entertainment and knowledge. It would therefore be very important that the school seek to develop the student, active forms of recreation: those that make the student a critical individual, creative, dreamy, more conscious and productive.

Keywords: classic; reading; literature; teaching and Portuguese

Introdução

A literatura é de suma importância para o ensino de língua portuguesa. Quanto mais o aluno ler bons livros, mais ele aprende sobre os mecanismos de funcionamento da língua, tanto escrita quanto falada. Por isso, a literatura e a gramática devem caminhar juntas para que a aprendizagem aconteça de fato. Por meio das leituras dos livros clássicos universais, o leitor satisfaz suas necessidades, sendo-lhe permitido

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa (2013), Mestrado em Literatura Brasileira (2005), Especialização em Literatura Brasileira (2002), Graduação e Licenciatura Plena em Português/Italiano/Literaturas (2002), ambos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

assumir uma atitude crítica em relação ao mundo que o rodeia, advinda das diferentes mensagens e indagações que a literatura oferece. Nesse caminho, cabe ao professor estimular o estudante para que ele aprenda a gostar de ler e, posteriormente, saiba enveredar pelo mundo literário fazendo suas próprias escolhas, por puro prazer:

É o leitor quem cria, constrói o sentido a partir de seus conhecimentos, em sua expectativa e em sua intenção de leitura. No caso do aluno, porém, a intenção é do professor. Quem deseja que a leitura seja feita porque é importante, necessária para a explicitação de um assunto, para a ampliação de um conhecimento, ou por qualquer outro motivo, é o professor. Só ele pode transformar o que precisa ser lido em algo significativo e prazeroso. (BRAGA e SILVESTRE, 2009, p. 22).

O trabalho do professor está centrado na prática de sala de aula, bem como o seu direcionamento no momento das aulas de literatura. A fim de direcionar o ensino no Brasil, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), por meio da Secretaria de Educação, desenvolveu os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Os PCN são um documento oficial, criado em 1988 com a intenção de ampliar e aprofundar questões educacionais, envolvendo governo e sociedade, na pretensão de gerar condições nas escolas para que os estudantes tenham contato com o leque de conhecimento pertinentes à sociedade e colocá-los em situação que favoreça a formação como cidadão. Esse documento orienta o trabalho do docente no planejamento de suas aulas, de análise do material utilizado, de modo a contribuir na reflexão e formação do profissional da educação; como também o orienta sobre a concepção de leitura.

A concepção de leitura como atividade de produção de sentidos é explicitada nos PCN, conforme trecho a seguir:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, descodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (PCN, 1998, pp. 69:70)

Não só os PCN, como também as Leis de Diretrizes e Bases (LDB) vigentes apontam para uma concepção de leitura e ensino de Literatura pautada na formação do cidadão leitor. Espera-se na sala de aula, mais especificamente nas aulas de literatura, que o professor crie propostas de leituras dos clássicos universais que cativem seus

alunos, capazes de envolvê-los e que eles se deliciem com uma boa história sem compromisso com provas e testes, apenas pelo prazer de enveredar por mundos nunca sonhados ou, até, descobrir que aquela narrativa, aquele tema tem muita coisa em comum com o seu mundo. Não importa, viajando por outros mundos ou identificando-se com a história contada, o que vale são as descobertas, os conhecimentos adquiridos e a viagem que a leitura proporcionou.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio - OCEM (2006) é outro documento elaborado pelo Ministério da Educação com o objetivo de contribuir para o diálogo entre professor e escola sobre a prática docente, “é um instrumento de apoio à reflexão do professor a ser utilizado em favor do aprendizado”, segundo *Carta ao professor* (p, 05).

As OCEM tratam de uma questão de suma importância para a formação do cidadão: o ensino de Literatura no ensino médio. “Trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de ‘letrar’ literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito.” (p, 54).

A esse respeito, Ana Maria Machado em seu livro *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (2002) discorre sobre o imenso patrimônio da leitura de obras valiosíssimas que temos de herança, no entanto, muitas pessoas nem desconfiam disso ou não se interessam em abrir a arca que os antepassados deixaram para ver o que há lá dentro. Para ela é uma pena e um desperdício, pois sempre quis explorar tudo o que pudesse nessa arca e, mais tarde, aproximou os seus filhos dos clássicos, “sabe que é um legado riquíssimo, que se trata de um tesouro inestimável que nós herdamos e ao qual temos direito. Seria uma estupidez e um absurdo não exigir nossa parte ou simplesmente abrir mão da parte que nos pertence...” (p.18)

A reivindicação de Machado em ler literatura, “porque é nosso direito, vem se somar uma determinação de ler porque é uma forma de resistência. Esse patrimônio está sendo acumulado há milênios” (p.19), está a nossa disposição. Melhor do que sair correndo atrás de coisas para comprar, tecnologicamente falando, é “ler, refletir e pensar em possibilidades diferentes de vida por meio da experiência de viver simbolicamente uma infinidade de vidas alternativas junto com os personagens de ficção e, dessa forma, ter elementos de comparação mais variados.” (pp, 18:19)

Ela afirma que “direito e resistência são duas boas razões para a gente chegar perto dos clássicos. Mas há mais. Talvez a principal seja o prazer que essa leitura nos dá.” (p.19). Quando lemos, viajamos por lugares distantes, no tempo e no espaço, é o

gosto pelo desconhecido, pelo conhecimento do outro, pela exploração da diversidade humana. Através da leitura nos transportamos para outro tempo e outro espaço, vivemos outra vida com experiências diferentes do cotidiano. Também podemos descobrir, com a leitura de bons livros de literatura, que um personagem possui algumas características parecidas conosco. “Lendo uma história, de repente descobrimos nela umas pessoas que, de alguma forma, são tão idênticas a nós mesmos, que nos parecem uma espécie de espelho. (...). Alguns livros acabam nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências.” (p.20).

Outro prazer que encontramos no livro é a decifração, a “exploração daquilo que é tão novo que parece difícil e, por isso mesmo, oferece obstáculos e atrai com intensidade. Como quem se apaixona. É uma delícia irresistível: ir se deixando fascinar (...), tentando ao mesmo tempo conquistar e vencer as dificuldades da leitura.” (p.21), ou seja, instala-se, entre leitor e texto, uma troca interativa, um jogo sedutor, a dois.

Quando lemos um livro clássico, ele nos questiona. Desafia nossos recursos da consciência e do intelecto, da mente e do corpo. O livro lido fica nos perguntando:

Entendeu? Está re-imaginando de forma responsável? Está preparado para agir baseado nessas questões, nas potencialidades de um ser transformado e enriquecido que eu estou colocando diante de você? (p.22)

Percebemos que a leitura de um livro clássico amplia nosso horizonte, questionando-nos, enriquecendo-nos com as marcas das leituras que precederam a nossa. Assim, ele presta ao leitor um serviço valiosíssimo, pois chega até nós trazendo as marcas da cultura de nossos antepassados, na linguagem ou nos costumes.

Assim, o professor de língua portuguesa precisa valorizar a importância da leitura para o ensino. Dessa forma, criar mecanismos capazes de formar um leitor capaz de processar, criticar, contradizer ou avaliar as informações diante de si, como também que saiba desfrutar, que dê sentido e significado ao que lê. Esse tipo de leitura é importante porque “põe em foco o leitor e seus conhecimentos em interação com o autor e o texto para construção de sentido...” (KOCH e ELIAS, 2008, p. 13).

É na atividade de leitura que o aluno ativará o lugar social, suas vivências, suas relações com o outros, os valores de sua comunidade e seus conhecimentos textuais. “A leitura e a produção de sentido são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo (lugares sociais, crenças, valores e vivências.” (KOCH e ELIAS, 2008, p.21).

Em sala de aula, o professor deve considerar o aluno-leitor e seus conhecimentos, sabendo que esses conhecimentos são diferentes de um aluno para outro, o que significa aceitar que cada aluno possui características e conhecimentos armazenados na memória de forma individualizada, conseqüentemente, há também uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação ao mesmo texto. Com isso não queremos dizer que o professor acate como correta qualquer coisa em um texto. A leitura feita pelo aluno deve ter um mínimo de coerência possível, levando em consideração que “o sentido não está apenas no leitor, nem no texto, mas na interação autor-texto-leitor. Por isso, é de fundamental importância que o leitor considere na e para produção de sentidos “sinalizações” do texto, além dos conhecimentos que possui.” (KOCH e ELIAS, 2008, p. 21).

Assim, para o processamento textual, segundo Koch, o leitor recorre a três grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, que abrange o conhecimento gramatical e lexical, ou seja, a partir desse sistema compreendemos a organização do material linguístico na superfície textual, o uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou sequenciação textual, a seleção lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados; o enciclopédico ou conhecimento de mundo, que se refere a conhecimentos gerais sobre o mundo, sobre suas vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos; e interacional, que se refere às formas de interação por meio da linguagem, englobando os conhecimentos ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural.

O conhecimento ilocucional “permite-nos reconhecer os objetivos ou propósitos pretendidos pelo produtor do texto, em uma dada situação interacional.” (KOCH e ELIAS, p.49).

Já o conhecimento comunicacional diz respeito à:

- quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto;
- seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação;
- adequação do gênero textual à situação comunicativa. (KOCH e ELIAS, p.50)

Enquanto o conhecimento metacomunicativo “é aquele que permite ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aceitação pelo parceiro dos objetivos com que é produzido.” (KOCH e ELIAS, p.52), o conhecimento superestrutural é aquele que nos:

permite a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social. Envolve também conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais que distinguem vários tipos de textos, bem como sobre a ordenação ou sequenciação textual em conexão com os objetivos pretendidos. (KOCH e ELIAS, p. 54)

Conforme explicado nos últimos quatro parágrafos, os conhecimentos ilocucional, o comunicacional, o metacomunicativo e o superestrutural são de suma importância para a compreensão de um texto. Por meio deles o leitor reconhecerá o propósito do autor, o que e como o autor escreveu para seus interlocutores, as palavras ou expressões em realce e comentários sobre o próprio discurso, bem como os conhecimentos sobre diversos gêneros textuais que proporcionará ao leitor diferenciar, por exemplo, uma crônica de uma fábula.

A leitura, principalmente de textos literários, é uma atividade bastante complexa de produção de sentidos que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície do texto e na sua forma de organização, por isso requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes por parte do leitor. Isso significa afirmar que o sentido de um texto é construído na interação autor-texto-leitor. Assim, na e para a produção de sentido de um texto se faz necessário levar em conta o contexto, ou seja, tudo aquilo que, de alguma maneira, contribui para a construção do sentido.

O contexto é indispensável para a compreensão e para a construção da coerência textual. Ele engloba não só o co-texto, como também a situação de interação imediata, a situação mediata e o contexto cognitivo dos interlocutores. Este último “reúne todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos atores sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal...” (KOCH e ELIAS, p.63), tais como: o conhecimento linguístico, o enciclopédico, o da situação comunicativa, o superestrutural, o estilístico e o de outros textos (intertextualidade).

Podemos afirmar que o contexto permite fazer uma interpretação unívoca, quando certos enunciados são ambíguos; bem como preencher as lacunas do texto; alterar o que se diz; e explicar ou justificar por que se disse isso e não aquilo.

Para que o aluno possa se tornar um leitor competente, capaz de ao ler ativar todos os sistemas de conhecimentos, processamento textual e contexto a contento, há que considerar o espaço de leitura e a biblioteca que a escola dispõe para o aluno-leitor. Os locais devem ser apropriados e com um leque de livros de literatura variados e em quantidade suficiente para que professores e alunos lancem mão quando o desejarem.

Devem, inclusive, possuir um número razoável do mesmo título para que uma turma possa ler a obra sugerida pelo professor ou escolhida pelo grupo de alunos ao mesmo tempo, proporcionando debates, reflexões, críticas, pontos de vista, reescritura de um tema ou personagem - no mesmo gênero ou em outro. Só assim, os objetivos pretendidos pelos documentos oficiais, citados anteriormente, serão atingidos.

A pessoa (criança, jovem ou adulto) que lê desenvolve o senso crítico e melhora a escrita, como também a capacidade de argumentação e comunicação com o outro. Para tanto, devemos inculcar em nossos alunos que a literatura é algo prazeroso. É imprescindível que o convívio com os livros extrapole o desenvolvimento sistemático da sua escolarização e que a literatura passe a se difundir com mais intensidade nas escolas, por todos os professores, principalmente os de Língua Portuguesa. A literatura não está presente na sala de aula como gostaríamos. Para muitas escolas é um conteúdo sem muito significado, parece sem objetivo técnico, capaz de caminhar lado a lado com a gramática, ou seja, só tem valor acompanhado de algum ensinamento de gramática.

Engana-se quem pensa que a literatura não contribui para o ensino de Língua Portuguesa e de outras áreas do conhecimento humano. O aluno que lê muito, quase sempre, escreve melhor que aqueles sem o hábito da leitura, como também tem mais facilidade para entender o conteúdo das outras disciplinas, se posicionando no mundo de maneira mais significativa. Podemos, inclusive, afirmar que a literatura é responsável pela formação do ser humano como cidadão reflexivo.

Esse entendimento de que a literatura não é um dos melhores instrumentos para se ensinar o aluno a ler e escrever com proficiência, parece falso. Por isso, nenhum professor deverá se inibir a pôr em prática seus projetos literários, compartilhar suas leituras com os alunos, fazendo comentários ou interpretações que estimulem nos estudantes a sensibilidade, o senso crítico, a capacidade argumentativa, e sejam assim susceptíveis de lançar luz sobre o modelo de ensino que ainda se encontra nas escolas. Deve abrir caminho para que o aluno, como diz Machado (2007), descubra o tesouro que nossos antepassados nos deixaram como herança, conseqüentemente, devemos nos apropriar dele. Os clássicos universais são nossa maior riqueza. Não é sábio deixá-los trancafiados em baús, enquanto caminhamos, tropeçando em nossa língua, sem lançarmos mão do conhecimento de que tanto necessitamos para crescermos.

Daí a importância da literatura nas escolas, visto que se apresenta como veículo criador e socializador da linguagem, da cultura e dos valores que, em muitos casos, nos identificamos ou, então, passamos a refletir sobre outra época, outros padrões de

comportamentos, outra sociedade, outro mundo diferente do nosso, mas que de alguma forma nos toca, nos emociona, nos questiona, possibilitando nosso desenvolvimento social, emocional e cognitivo.

Ao longo dos últimos anos, a educação preocupou-se em contribuir para a formação de indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade, entretanto, esta preocupação é uma meta que a escola não está atingindo. A prova é “que os índices brasileiros de repetência estão diretamente ligados à questão do desenvolvimento da proficiência dos estudantes nos diferentes anos de escolaridades do ensino básico.” (ABREU, p. 257, 2011). Fica muito evidente que “a escola brasileira não tem cumprido sua função de ensinar a ler, no sentido lato do termo e, também, não tem ensinado a escrever.” (ABREU, p.257, 2011). Tudo é preocupante, tendo em vista que vivemos em uma sociedade onde as trocas sociais acontecem muito rapidamente, por meio da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual ou pela internet.

Na atualidade, a escola precisa buscar caminhos que possam mudar o rumo dessa história dramática do ensino brasileiro. A literatura é, sem dúvida, um dos caminhos. É a partir dela que a escola poderá desenvolver no aluno as competências da leitura e da escrita. Explorá-la o máximo possível é um dos meios mais seguros para a proficiência da leitura e da escrita, porém, o educador deve conscientizar-se do mundo da linguagem vertiginosa da era da internet ao qual nossos alunos se inserem. É importante que ele pense em projetos nos quais o passado e o presente convivam juntos, em perfeito diálogo. Como exemplo, em 2011, elaboramos e colocamos em prática um projeto de leitura e reescritura de um dos nossos clássicos da literatura brasileira, *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1993), de Lima Barreto. Os participantes do projeto escreveram microcontos a partir da obra. Esse diálogo entre o antigo e o atual é um grande aliado do professor que quer inserir seus alunos na literatura, mas sem deixar de lado o mundo em que vivem.

Para grande parte dos alunos de escolas públicas, a escola é o único espaço que proporciona acesso a textos literários, que poderão se converter em modelos para textos escritos. Se a escola espera que o escritor iniciante redija textos usando como referência estratégias de organização típicas dos textos literários, a possibilidade de que se venha a construir uma representação desse tipo de escrita só acontecerá se as atividades escolares lhes oferecerem uma rica convivência com a diversidade de textos do cânone literário, nacional e estrangeiro.

A leitura é uma forma ativa de lazer e conhecimentos. Seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer: aquelas que tornam o estudante um indivíduo crítico, criativo, sonhador, mais consciente e produtivo. A leitura literária tem papel relevante. O lazer poderia ser uma boa contação de história, uma roda de leitura, um conto inventado a partir de outro ou uma narrativa de própria autoria dos alunos, cada um escolhendo o tema que melhor lhe aprouver. Poderia ser história oral ou escrita. Se escrita, depois cada um leria para a turma, trocando experiências, dando boas risadas das proezas de um ou outro personagem.

O professor de Língua Portuguesa, como também os de outras áreas, começaria contando a sua história favorita, ou como os alunos, reescrevendo uma história, inventando outras, a fim de que os estudantes se familiarizem mais com a “brincadeira” literária. Afinal, queremos um aluno que lê, obedientemente, o livro de leitura extra classe bimestral ditado pela escola para fazer prova, ou queremos um leitor para toda a vida?

Se o ato de ler implica ler o mundo, mesmo antes, e até depois, de termos acesso ao código escrito, pressupõe-se que entra em jogo toda a experiência existencial do leitor e que, portanto, ler é um processo ativo da interação texto-leitor. Por isso, o professor, no momento em que propõe uma atividade de leitura, deve levar em conta, inicialmente, a condição prévia do aluno. (BRAGA e SILVESTRE, 2009, p.17)

O estímulo à leitura deve ser objeto de preocupação constante no cotidiano escolar. A valorização da leitura, considerada num sentido amplo, advém de sua importância para inclusão do sujeito numa cultura letrada. Nesse sentido, o ato de ler livros clássicos universais ultrapassa habilidades simples de decodificação, a simples capacidade de atribuir sentido ao decodificado ancora-se na habilidade de compreender o que nos chega por meio das informações descobertas, analisando-as e posicionando-nos criticamente frente a elas. O domínio das habilidades específicas da leitura oferece ao sujeito melhores chances no mercado de trabalho e permite, de forma mais abrangente, exercer a própria cidadania.

Na verdade, a leitura literária não é uma simples prática escolar, mas um processo desencadeado pela vontade ou necessidade do leitor em interagir com o autor, procurar e produzir sentidos, vivenciar experiências fantásticas, compreender e decifrar a realidade. Isso só será possível pelo do ato de ler constantemente obras cada vez mais ricas de significados. Afinal, “a leitura é a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alargamento do mundo para além dos limites de nosso quarto, mesmo

sem saímos de casa; é a exploração de experiências as mais variadas, quando não podemos viver realmente.” (MARIA, 2002, p.25).

É necessário abrir espaço para uma discussão mais ampla sobre conteúdos e metodologias de ensino na escola brasileira. No caso da literatura surgem os questionamentos sobre sua função e importância na educação básica, o momento destinado a introduzir os alunos no universo literário. Nessa etapa da vida do aluno, o objetivo é despertar o interesse pela leitura, em especial a literatura clássica universal, e prepará-lo para que tenha condições de se posicionar, comentar, debater e se pronunciar acerca de vários temas sobre o mundo que o cerca.

Por isso, o professor não pode deixar de destacar a grande contribuição da literatura durante o processo de formação do aluno enquanto leitor e na sua condição humana. O estudante entrará em contato com a diversidade de gêneros textuais, obras e temas, obtendo ganhos na qualidade de sua leitura e ampliando seu conhecimento acerca da realidade do dia a dia. Com isso, podemos pensar que o papel do professor como orientador é de suma importância durante toda a jornada. Irá, ou não, contribuir para que o aluno obtenha uma formação integral, como leitor, escritor e cidadão ético e consciente. E, ainda, que sinta um prazer necessário a continuar lendo outras obras literárias, ou relendo, por toda a vida.

A leitura de obras literárias pressupõe a participação do leitor na constituição dos sentidos linguísticos. Embora o aluno possa lançar mão do dicionário para saber o significado de uma palavra, ele nunca exprime o real sentido contextualizado, conseqüentemente, trabalhar a leitura consiste em escolher o significado mais apropriado para as palavras, inclusive conotativo, num conjunto mais amplo de ideias.

Mencionamos diversas vezes a importância da leitura dos clássicos universais para o ensino, quando realmente a leitura é em sua essência fundamental para a iniciação do aluno como leitor e escritor. Nesse processo de leitura é importante ressaltar a seleção do que ler. Podem-se incluir desde contos de fadas, histórias dos gregos, narrativas marítimas, livros de cavalaria, romances, ficção científica, biografias até obras de não ficção, uma vez que podem despertar interesses específicos de determinada área curricular e permitir que o leitor estabeleça relações de sentidos com outras áreas do conhecimento. Para inclusão de obras não ficcionais há que se tomar cuidado, pois a escolha pode acarretar um conhecimento superficial e não passar de interesse fútil. Para uma escolha mais segura, devemos recorrer, sempre que possível, a obras de nosso cânone universal, mas sem descartar as obras de boa qualidade da

atualidade, o que significa dizer que o professor precisa ser um leitor atualizado com o mercado literário.

Na literatura, a perspectiva pluralista de sentido é o diferencial no processo de leitura, dando oportunidade ao aluno de enxergar a multiplicidade de sentidos. O leitor acionará registros de leituras anteriores, correlacionará o velho com o novo a ponto de concordar ou não, além de se posicionar criticamente diante do objeto de leitura. Permite, também, a transposição do imaginário para uma realidade ficcional, porém real e cotidiana de sociedades culturalmente diversificadas – existente ou não -, desconfigurando pressupostos de que a leitura literária é uma divagação, ilusão e desconexa de realidades sócio-culturais.

Ao trabalhar a leitura literária, é relevante que o professor pense o local e o momento de sua iniciação deste trabalho. O ambiente de referência adequado para iniciar é a sala de leitura, mas se não houver, cria-se em sala de aula mesmo. Para tanto, as mesas e cadeiras devem-se posicionar, de preferência, em círculo, porque os alunos conseguem ver uns aos outros. Lembra-se que o professor, enquanto mediador ou contador de histórias, fará parte do círculo, com todos bem à vontade. Ressaltamos, que há outros ambientes fora da escola propícios para leituras, mas é na escola que o professor direcionará o aluno para leituras que construam sua identidade literária, humana e social; mesmo porque, para a maioria dos alunos, o primeiro contato com uma obra clássica universal acontece na escola.

Para aprimoramento da leitura e o seu consequente êxito, levando-se em conta às concepções sobre leitura e, assim, proporcionar condições para que o aluno chegue a um estágio que se refere à leitura crítica e apreciativa. Dentre as várias concepções de leituras há a de fruição, que faz parte do universo literário, a qual desencadeia no leitor pelo que é lido. O prazer significando interesse, desejo em descobrir e redescobrir por de trás da primeira visão das palavras.

No ensino médio, é importante apresentar novas possibilidades e perspectivas para os alunos, levando em consideração aspectos linguísticos e formais da língua e, assim, preparar o aluno para a formação do leitor crítico e apto a perceber as entrelinhas e outras informações que transcendem as do primeiro momento de leitura. Desta forma, será dado um passo importante para que, ao se deparar com a polissemia inserida em obras de maior complexidade, descubra o belo a partir da visão que se constrói, ampliam e aprimoram na conclusão de cada página lida.

Segundo Todorov, a literatura pode transformar o indivíduo, não é vazia, tem um papel a cumprir:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir, mas para isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. (2009, p.76).

O poder da literatura permite ao professor de Língua Portuguesa, em especial, pensar e repensar sobre o seu ensino. Dessa forma, é relevante uma revisão sobre a concepção de ensino de língua portuguesa, incluindo a leitura literária como parte fundamental para formação humana. Na reflexão importa que o professor compreenda que o leitor, ao concluir a leitura de uma obra, jamais será o mesmo do início, pois acionará a interpretação simbólica e também a capacidade de associação entre os mundos de uma sociedade multiculturalista.

A literatura protagoniza o processo de formação do leitor, uma vez que a linguagem literária permite a extração de situações históricas, políticas e sociais, entre outras, nela representada. Além disso, é o texto literário que tem a capacidade de romper traços figurativos da realidade sem perdas na compreensão lógica da composição textual. Porque nele se usa a coerência interna entre os elementos que encadeiam o texto. A estruturação da obra literária a torna suficientemente autônoma, de ambientes específicos, com regras próprias e possibilidades várias de significação.

Ler, principalmente textos literários, é uma atividade de produção de sentidos. É pela linguagem que o ser humano se relaciona entre si e o mundo que o rodeia, com todas as complexidades decorrentes de aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos. Uma das formas de contato com a linguagem verbal é a leitura, quando o ser social estabeleça diferentes maneiras de interação com outros membros da sociedade, ou seja, a boa leitura abre portas para a compreensão e interpretação das atividades simbólicas que caracteriza os mais variados tipos de contato social.

Podemos considerar que o elemento singular da interação verbal é o texto literário, entendendo-o este como unidade de comunicação e conhecimento de mundo, construído por elementos do sistema da língua e por aspectos que dizem respeito ao uso da unidade textual e sua abertura para a pluralidade de sentidos. Assim, a unidade

textual se abre, pronta para diferentes leituras, dependendo do tipo de leitor que dela se apropria.

Guimarães e Batista (2012) partem:

(..) do princípio de que toda atividade de leitura implica, para o leitor, a percepção e a compreensão de duas instâncias textuais, a que projeta o leitor num universo linguístico, no mundo da língua e seu sistema, e a que projeta o leitor no mundo do uso da língua e seus efeitos de sentido, derivados de uma prática de linguagem contextualizada. Para que essas instâncias sejam atingidas, as atividades de leitura devem estimular, ao lado das atividades de compreensão dos sentidos textuais, a formação de um leitor crítico, aquele que se distanciará do imaginário de um decodificador da palavra (e suas formas), de um mero decifrador de sinais linguísticos. (p.18).

Entendemos que as aulas de língua e literatura devem caminhar juntas, pois só assim será possível formar um leitor consciente de seu papel cooperativo, produtivo e reflexivo. Cabe ao professor de Língua Portuguesa promover essa integração entre a gramática e a literatura para que o ensino-aprendizagem aconteça.

A leitura em sala de aula do texto literário aguça o interesse do aluno em saber mais sobre a vida e a obra do autor selecionado como objeto de estudo, bem como de outros autores, cujas obras se colocam à disposição do estudante. É preciso, então, profundo conhecimento literário do professor e colocar em sua leitura todo entusiasmo, demonstrando não só conhecimento, mas também paixão. Sabemos que:

O texto literário é uma obra de natureza complexa, resultante de intenções, operações linguísticas e produção de sentidos que colocam em jogo o uso da linguagem além da referencialidade. A literatura implica reconhecer, entender e fruir elementos de natureza expressiva, conativa e poética que destacam o espaço da manifestação literária como aquele que exige do seu leitor muito mais participação do que aquela requerida em processos de interação verbal que destacam sobremaneira a função referencial da linguagem. (GUIMARÃES e BATISTA, 2012, p.21).

Então, cabe ao professor, além de conhecedor e apaixonado pelo texto literário, facilitar este tipo de leitura, tendo em vista que requer uma participação mais ativa do leitor. É a partir da sua leitura que o aluno compreenderá a funcionalidade e a beleza do texto literário, convidado a entrar no universo da verossimilhança.

A entrada no universo da literatura provocará grandes transformações no leitor, que viajará pelo universo da imaginação e da recriação a partir do real. Transformar-se-á como ser humano dotado de conhecimentos sobre si e sobre o mundo que o cerca à medida que suas leituras avancem, daí a importância da literatura para formação do aluno.

É importante fazer a seguinte consideração: “a literatura é sempre situada num complexo histórico-social (do qual é uma das materializações possíveis) reatualizando

continuamente, seja no momento de criação do texto pelo seu autor, seja nas diferentes recriações estabelecidas pelos leitores...” (GUIMARÃES e BATISTA, 2012, p.22). Esses leitores também se situam em diferentes momentos histórico-sociais. Como consequência dessa interação autor-leitores, o espaço da literatura é o diálogo entre os sujeitos, “em nome da fruição da leitura, do “prazer do texto” e de seu comprometimento histórico, social e ideológico.” (GUIMARÃES e BATISTA, 2012, p.22).

O trabalho com literatura leva o leitor a visitar a história de nossos antepassados, do que construíram e também o que herdamos deles. Essa falta de compromisso da literatura com a realidade, muitas vezes, é só aparente, pois trata a realidade com bastante propriedade, mais até do que outra forma discursiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernando José. *Educação e informática: os computadores na escola*. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. *Práticas de leituras para neoleitores*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

AZEREDO, José Carlos de (org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ; Vozes, 2000.

_____. *Ensino de português: fundamentos, percursos, objetivos*: Jorge Zahar, 2007.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Moderna, 1993.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. RJ: Lucerna, 2001.

_____. *O que muda com o novo Acordo Ortográfico*. RJ: Nova Fronteira, 2008. Porto Alegre: Mediação, 2012.

BERNARDO, Gustavo (org.). *Literatura e sistemas culturais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BLOOM, Haroldo. *Como e Por Que Ler*. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRAGA, Regina Maria; e SILVESTRE, Maria de Fátima. *Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula*. São Paulo: Global, 2009.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 2004.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 2000.

CARNEIRO, Flávio. *A Ilha*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CARVALHO, Damiana Maria de. *Reescritura: uma leitura de Lúcia, de Gustavo Bernardo*. Curitiba: Appris, 2002.

CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique (orgs.). *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2012.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

DALCASTAGÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea, um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte/ Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; e JOVER-FALEIROS, Rita (orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

DOLZ, Joaquim, GAGNON, Roxane, e DECÂNDIO, Fabrício. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; e MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FREDRIC, Jameson. *Espaço e Imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios*. Tradução de Ana Lúcia Almeida Gazzola. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2012.

HUADY, Alexandre; e GUIMARÃES (orgs.). *Língua e literatura: Machado de Assis na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KARWOSKI, Beatriz Gaydeczka, BRITO, Karin Siebeneicher. (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. *As tramas do texto*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____ e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. São Paulo: Contexto, 2001.

_____; e ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2008.

- LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- LOPES, Luiz Paulo de Moita. (Org.). *Português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude, professores e escola: possibilidades de encontros*. Ijuí - RS: Unijuí, 2003.
- MOURA, Maria Helena de. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2013.
- NEVES, Maria Helena M. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 2010.
- PARINI, Jay. *A arte de ensinar*. Tradução de Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- ROCHA, Fátima Dias Rocha (org.). *Literatura brasileira em foco*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- RODRIGUES, Aurora de Jesus (org.). *Avaliação escolar: estratégias e debates*. São Paulo: Factash, 2012.
- _____. *Formação de professores: teoria e pesquisa*. São Paulo: Factash, 2013.
- SAMUEL, Roger (org.). *Manual de teoria literária*. Petrópolis – RJ, Vozes, 1985.
- SIMÕES, Darcilia M.P. (org.). *Semiótica, Linguística e Tecnologias de Linguagem: homenagem a Umberto Eco*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SOARES, Magda. *Linguagem e escola: Uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 2008.
- STUART, Hall. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- VALENTE, André C., e PEREIRA, Maria Teresa G. (Orgs.). *Língua Portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011.
- ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

